

SISTEMA DE ABREVIATURAS DE DOCUMENTOS
ADAMANTINOS SETECENTISTAS

*Abbreviation system of eighteenth century
documents from the city of Diamantina, Minas
Gerais, Brazil*

Aléxia Teles Duchowny*

Sueli Maria Coelho**

Guilherme Henrique Coelho***

RESUMO

Tem-se como objetivo principal a identificação, a classificação e a caracterização das abreviaturas do século XVIII de documentos da cidade de Diamantina, Minas Gerais, Brasil. As abreviaturas, representação de uma ou mais palavras por meio de apenas algumas de suas letras ou por um ou mais sinais, é um fenômeno bastante usual, presente em manuscritos de muitos séculos atrás. Os documentos analisados apresentam variadas abreviaturas, em grande quantidade, as quais, analisadas, poderão fornecer novas informações sobre a língua portuguesa. Além disso, compreender o sistema braquigráfico do século XVIII permite melhor entender a cultura escrita na qual os documentos do *corpus* - termos de devassa e estatutos de irmandades religiosas - estavam inseridos, favorecendo,

* Universidade Federal de Minas Gerais.

** Universidade Federal de Minas Gerais.

*** Universidade Federal de Minas Gerais.

também, os estudos históricos e sociais. Propõe-se, assim, a distribuição dos vários tipos de abreviaturas em um contínuo de legibilidade, com a intenção de verificar o grau de legibilidade de cada uma. Conclui-se que a abreviatura numérica é a que apresenta o maior grau de legibilidade, tendo tanto o copista quanto o leitor menor esforço para “desvendá-la”. Já a abreviatura por sinal especial é a que demanda maior conhecimento de regras específicas e, conseqüentemente, maior grau de letramento por parte do copista e do leitor.

Palavras-chave: *abreviaturas; língua portuguesa; século XVIII.*

ABSTRACT

This paper aims to identify, classify and characterize the eighteenth century abbreviations of documents from the city of Diamantina, Minas Gerais, Brazil. Abbreviations are the representation of one or more words using only some of its letters or one or more signs. It is a very usual linguistic phenomenon in manuscripts of all ages. The documents analyzed present different abbreviations in large quantity and their analysis can provide new information about the Portuguese language and its evolution. Moreover, understanding the braquygraphic system of the eighteenth century Portuguese allows a better understanding of the writing culture of the writers and readers of these documents, favoring historical and social studies, besides the linguistic one. We propose the distribution of various types of abbreviations in a continuous of readability, to verify the level of readability of each one. We conclude that the numerical abbreviation has the highest degree of readability: both the scribe and the reader make less effort to “unravel” it. On the other side, the special sign abbreviation requires greater knowledge of specific rules and a greater degree of literacy from the copyist and reader.

Keywords: *abbreviations; Portuguese language; eighteenth century.*

1. INTRODUÇÃO

O senso comum leva a pensar que as abreviaturas – representações “de uma palavra por meio de alguma(s) de suas sílabas ou letras” (FERREIRA, s/d, p. 11) – existem para economia de tempo e de espaço, pressuposição confirmada por autores como Megale e Toledo Neto (2005). Outros, porém, como Stiennon (1973) alertam que, muitas vezes, elas ocupam tanto ou até mais espaço, além de sua escrita demandar tempo e atenção iguais ou superiores àqueles despendidos para grafar as palavras na íntegra. Como se percebe, não há unanimidade quanto ao assunto, mas, nos documentos que serão analisados a seguir, todas as abreviaturas ocupam menos espaço do que a palavra não abreviada, ainda que a supressão seja de apenas uma letra: *Defin^{dor}* (*Definidor*, presente no *Estatuto da Ordem Terceira de São Francisco*); *Ang^{da}* (*Angola*, presente nos *Termos de devassa*).

Na tentativa de esclarecer o que motiva o emprego das abreviaturas, há até fatores psicolinguísticos relacionados à leitura: o ato de ler é facilitado mais pela visão dos elementos mais representativos de uma palavra do que pelo reconhecimento de todos eles. Para Núñez (1994, p. 108), “as abreviaturas puderam surgir como consequência da frequente repetição de uma mesma palavra, repetição que geraria o hábito de ler por seus elementos determinantes, com a consequente incidência na sua escrita”. O autor lembra que, ademais, a leitura é um ato global e que o olho percebe sensorialmente apenas as letras mais características e a totalidade da palavra e não os signos individualmente.

Apesar de suas funções não estarem ainda devidamente esclarecidas, Higounet (2003) afirma que o período carolíngio e gótico, compreendido entre os séculos IX e XV, representa o apogeu do emprego de abreviaturas, as quais foram transportadas do latim para as línguas vulgares. Especificamente em relação às inscrições portuguesas, conforme Barroca (2000¹, p. 180), a abreviatura de palavras é muito frequente, a partir do século XII, devido à

necessidade de se economizar espaço, permitindo a gravação de textos relativamente extensos em superfícies menores. Mas, por outro lado, o desenvolvimento das abreviaturas ficou a dever-se também às necessidades impostas pela própria paginação do texto. Por fim, devemos igualmente equacionar a presença de abreviaturas com simples questões de moda e de hábito. Será, porventura, no cruzamento destes três vetores que encontrare-

1 O autor faz referência à Epigrafia, mas sua asserção se aplica aos manuscritos também.

mos a resposta mais equilibrada para o sucesso que o uso das abreviaturas encontrou [...].

Sem sombra de dúvida, as abreviaturas dificultam o bom entendimento do texto, especialmente quando há uma lacuna de décadas, e até de séculos, entre a obra e o leitor. Tanto é que, conforme Berwanger e Leal (1995), em vários momentos da História seu uso foi proibido: Justiniano, no século VI, proibiu sua utilização em documentos jurídicos; nos séculos XII e XIII, também foram proibidas; Dom Diniz, no século XIV, interditou as abreviaturas na documentação oficial. Apesar da variedade existente, há uma tendência à preservação das consoantes, as quais permitem, em geral, maior facilidade de identificação das palavras (SAMPSON, 1996). Como já mencionado anteriormente, não lemos um texto letra por letra; dessa maneira, as vogais passam a ter papel menos relevante do que as consoantes no momento de se reconhecerem as palavras.

Assim, o problema que motivou a produção deste artigo foi a dificuldade encontrada pela equipe de pesquisa, ao entrar em contato com documentos setecentistas adamantinos, de “decifrar” as frequentes e variadas abreviaturas encontradas, tornando a leitura menos fluida. Tem-se, então, como objetivo principal deste estudo, identificar, classificar e caracterizar as abreviaturas encontradas nos documentos setecentistas adamantinos editados por Duchowny e Coelho (2013). Será possível, assim, caracterizar o falar mineiro desse período também do ponto de vista de seu léxico, dando continuidade a duas investigações já em andamento, sendo uma delas – “Um estudo variacionista de interface entre léxico e sintaxe em documentos adamantinos setecentistas”, em fase de conclusão – financiada pela Fapemig (Processo APQ-00749-12), e a outra, também financiada pela Fapemig, referente ao estudo do dialeto mineiro a partir de sua história social (SHA - APQ-01482-08).

O quadro a seguir aponta os títulos dos documentos que compõem o *corpus* do trabalho, sua datação, bem como a sigla adotada para se referir a eles:

Quadro 1 - Documentos integrantes do *corpus* com datação

Sigla	Documento	Datação
DEV	<i>Livro dos termos de devassa</i> da Comarca do Serro Frio	1750
NSM	<i>Livro de compromisso da Nossa Senhora das Mercês</i>	1778
NSA	<i>Livro de compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo</i>	1782

SSA	<i>Estatuto do Santíssimo Sacramento</i>	1783
SFR	<i>Estatuto da Ordem Terceira de São Francisco</i>	1788
REF	<i>Reforma do Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês²</i>	1782-1909

Oferecem-se, então, subsídios para a melhor compreensão da língua portuguesa do século XVIII e de seu sistema braquigráfico em geral. Além disso, se além de decifrar as abreviaturas se puder entender o *modus operandi* das decisões tomadas para a sua elaboração, o consulente poderá, com estes resultados, fazer análises as mais variadas possíveis. Para Chaves (2006), por exemplo, as abreviaturas de um item fornecem informações sobre a história do mesmo. Em relação a *Vossa Mercê* e *Você*, “a abreviatura pode trazer em si características funcionais que ultrapassam a ortografia, sendo condicionadas por fatores semânticos, pragmáticos e lexicais” (p. 65). Já conforme Cohen (2010, p. 68), as abreviaturas seriam “de alguma utilidade nesses quebra-cabeças diacrônicos e, de fato, o comprovamos. Elas nos permitiram detalhar diversos graus de coesão da forma *mente*, que podem, de certa forma, refletir o *continuum* diacrônico da gramaticalização de *mente*.”

A análise das abreviaturas dos documentos também favorece uma melhor compreensão da cultura escrita na qual esses textos se inserem. Poderia, até, trazer esclarecimentos referentes às características socioculturais dos sujeitos relacionados a eles, permitindo ao pesquisador uma caracterização sociolinguística do escrevente, o que seria muito útil para pesquisas variacionistas, conforme hipótese aventada por A. Duchowny, J. Ramos e S. Coelho, a ser publicada em breve. Como afirma Almada (2012, p. 33), a arte da escrita/caligrafia – e as abreviaturas compõem esse quadro mais amplo – “possibilita a concretização visual e material do texto sobre um dado suporte e, tal como o próprio texto, expressa atitudes, pensamentos e simbologias específicas de cada época e sociedade.” A mesma autora afirma não ter tido sucesso na reconstituição da posição social e da rede de relacionamentos dos “profissionais da boa pena” da América portuguesa, devido à existência de poucos estudos específicos e de documentação ainda a ser descoberta, mas deixa claro que a escrita e a leitura, no século XVIII, não estavam limitadas apenas aos estratos sociais mais elevados. Morais (2009, p. 14) também concorda que as camadas subalternas faziam uso delas:

o mundo luso-brasileiro, apesar de possuir um número restrito de aulas públicas, não possuía uma população alheia ao mundo das letras. Havia, sim, pessoas capazes de ler e escrever. A palavra

2 Apesar de a REF ter sido finalizada no início do século XX, se verdadeira a informação que consta no documento, o manuscrito faz parte deste corpus porque poderá servir de parâmetro de futura comparação com os documentos do século XVIII.

escrita, manuscrita ou impressa, circulava e estava disseminada e, mesmo sujeitos inabilitados para ler e escrever, foram identificados como capazes de se utilizar cotidianamente da cultura escrita, de formas variadas e inventivas.

Ainda para Machado (1980), o acesso à instrução, na época, era bastante limitado. Apenas algumas famílias mais abastadas podiam mandar seus filhos para estudar em Coimbra. Vários fatores dificultavam a expansão do ensino no período colonial: renda insuficiente para pagar os professores, o estado rudimentar da família em formação e a maior parte da população ser composta por índios e negros, que não tinham o direito de ir à escola.

No artigo que se segue, cujo tema são as abreviaturas setecentistas adamantinas, serão apresentados, nesta ordem, uma proposta de tipologia das abreviaturas em geral, a caracterização do *corpus* utilizado na pesquisa em questão, a descrição e a análise específicas das abreviaturas do *corpus*, seguidos de uma breve conclusão.

2. UMA TIPOLOGIA DAS ABREVIATURAS

Costa (2006), ao analisar um códice em língua portuguesa do final do século XVIII, classifica as abreviaturas da seguinte forma, com base em Spina (1994) e em Flexor (1990), também consultados para esta pesquisa, sendo os exemplos retirados de Duchowny e Coelho (2013). Após a abreviatura, seguem a palavra à qual ela se refere e a obra onde foi encontrada: 1 *Por sinal geral*: composta por um signo abreviativo, seguido de um sinal (ponto, apóstrofe ou traço), indicando a falta de letra(s), mas sem especificá-la(s).

- 1.1 Abreviatura por suspensão (apócope ou amputação): supressão de elementos finais da palavra, indicada por um ponto. Para Santos (1994), é o processo abreviativo mais antigo. Exemplos: *Ma.* (*Manoel*, DEV); *Porq.* (*Porque*, NSA).
- 1.2 Sigla: representação da palavra pela letra inicial maiúscula, seguida de ponto.
 - 1.2.1 Sigla simples: indicada por apenas uma letra. Exemplos: *B.* (*Bispo*, REF); *Q.* (*Que*, NSA).
 - 1.2.2 Sigla reduplicada: a letra é repetida, para significar o plural da palavra representada. Exemplos: *R.R.* (*Reverendos*, SFR); *VV. CC.* (*Vossas senhorias*, SFR).
 - 1.2.3 Siglas compostas (acrônimos): formadas por duas ou

por três primeiras letras da palavra ou por suas letras predominantes. Exemplos extraídos de Costa (2006), por não se ter identificado nenhuma ocorrência no *corpus*: MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização); SIDA (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida).

- 1.3 Abreviatura por contração (síncope): supressão de letras do meio do vocábulo. Barroca (2000) subdivide o grupo em três tipos: (i) simples, quando se suprimem letras contíguas; (ii) duplas, quando se suprimem dois grupos de letras; e (iii) triplas, quando são suprimidos três grupos de letras. Exemplos de (i) e (ii) de DEV, respectivamente ((iii) não foi encontrado): *Alz.* (*Alvez*) e *Miz.* (*Martinz*).
 - 1.4 Abreviatura por letra(s) sobrescrita(s) (soerguida(s)): sobreposição da(s) última(s) letra(s) da palavra. Exemplos: *Asperam^{te}* (*Asperamente*, SFR); *Vigã^{vo}* (*Vigário*, NSM)
1. Abreviatura mista: a mesma palavra é abreviada de mais de uma maneira. Exemplos: contração/suspensão: *Pg.* (*Pago*, DEV); Simples/letra sobrescrita: *S. Mag^e*. (*Sua Majestade*, NSM)
 2. *Por sinal especial*: presença de sinal indicando o(s) elemento(s) ausente(s). Barroca (2000) as classifica em (i) sinal com valor universal, o qual não indica a natureza da(s) letra(s) ausente(s) e (ii) sinal com valor específico, quando revelam as letras abreviadas. Exemplos: *Lxã* (*Lisboa*, DEV); *&* (*e*, SFR e SSA)
 3. *Numéricas*: abreviaturas de numerações que designam ordem, divisão e meses do ano. Sobrepõe-se a letra *o* e as minúsculas aos numerais ou à terminação *-br*. Exemplos: *9^{bro}* (*Novembro*, NSM); *3^{os}* (*Terceiros*, SFR)
 4. *Notas tironianas* (taquigráficas): sinais baseados nas letras minúsculas do alfabeto romano, tendo significados diferentes conforme sua posição. Elas muito influíram no sistema latino de abreviaturas. Na prática estenográfica, surgida no século I, em Roma, uma palavra se representa por apenas um signo de origem alfabética cuja combinação adquire em cada caso e, segundo o uso, um valor ideográfico. Alguns exemplos: *£* (*silvae*); *_*. (*est*); *λ* (letra *q*) (NÚÑEZ, 1994, p. 114). Não foram encontradas nos documentos sob análise, o que não é surpreendente: segundo Flexor (2008), além de serem pouco usuais nos documentos luso-brasileiros, desapareceram por completo após o século XVI. Como os documentos aqui analisados foram escritos no século XVIII, não era, pois, de se esperar que tal tipo de abreviatura fosse identificado.

3. CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS ADOTADO

Tendo-se a edição semidiplomática dos códices (Duchowny e Coelho, 2013) em mãos, foi possível arrolar as abreviaturas já desfeitas pelas autoras, utilizando-se, para conferência, dos dicionários de Flexor (1990) e de Nunes (1981). Após sua organização em ordem alfabética, com uso do programa *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2008), foram classificadas conforme Costa (2006). Há autores que classificam e que caracterizam as abreviaturas com mais detalhamento, mas o *corpus* de Costa (2006) aproxima-se melhor da realidade do aqui analisado, tendo sido por isso dada preferência a ela³. A partir da autora, as abreviaturas identificadas nesses documentos foram categorizadas por tipo e quantificadas; em seguida, foi feita uma regra de três simples.

Os documentos que constituem o *corpus* desta pesquisa, citados no Quadro 1, foram escritos na região de Minas Gerais, mais especificamente em Diamantina, antigo Arraial do Tejuco, Comarca do Serro Frio, na segunda metade do século XVIII. No tocante ao gênero textual, esses documentos compreendem dois gêneros: (i) estatuto de irmandade e (ii) termo de devassa.

Conforme Coelho e Coelho (2014), os estatutos de irmandades estabelecem as leis e regulam as práticas das associações religiosas, firmando direitos e deveres de seus membros. Uma das principais finalidades dessas agremiações religiosas era a ajuda mútua entre seus membros por meio da caridade, tendo se proliferado por Minas Gerais no ciclo do ouro. Constituem-se em torno da devoção a um santo, para o qual erigiam uma igreja. Por outro lado, as Ordens Terceiras eram associações cujo objetivo era a perfeição da vida cristã de seus membros. Vinculavam-se a uma ordem religiosa, da qual extraíam e adaptavam regras. Enquanto as irmandades respondiam ao Bispo Diocesano, as ordens terceiras respondiam aos Provinciais de Ordem Monástica. Além do mais, as irmandades das ordens terceiras se pautavam por critérios sociais mais rigorosos para a admissão de seus membros, que eram integrantes de classes sociais elevadas, representando, assim, a elite cultural da época.

Ainda para as mesmas autoras, os termos de devassa eram reunidos no Livro dos Termos. Aqueles são as narrações de processos investigativos referentes a alguma denúncia acerca de atos de infração contra a moral da Igreja Católica. Tais atos eram investigados pelo visitador, uma autoridade religiosa designada pelo prelado, e o processo era lavrado em um livro destinado exclusivamente a esse registro. O escrevente dos termos era

3 Garcia (2014) também se baseia na autora para analisar abreviaturas do século XIX.

o secretário eclesiástico. Duchowny e Coelho (2012) detalha que os termos compunham-se de sete partes, na seguinte ordem: (i) local e data; (ii) identificação do autor do delito; (iii) descrição do ato pecaminoso e admoestação; (iv) confissão da culpa e promessa de emenda; (v) condenação e pena; (vi) fecho; (vii) assinaturas.

Os próprios documentos fornecem dados úteis para se saber a composição das associações acima citadas e poderão servir de guia para futuros estudos, especialmente os que concernem aos autores/copistas dos documentos e à cultura escrita da época.

Em relação às devassas, todo o processo de apuração do referido delito, nele incluída a determinação e a aplicação da pena, era conduzido por uma autoridade da Igreja. Um tribunal diocesano era formado “pelo visitador-geral, nomeado por provisão episcopal, caso não fosse o próprio bispo, um meirinho, espécie de tesoureiro dessa pequena empresa, e o escrivão ou secretário, funcionário responsável por registrar, com letras às vezes ininteligíveis, as narrativas dos depoentes” (FIGUEIREDO, 2007, p. 114). Infere-se, então, que o DEV era redigido provavelmente por um religioso, o que pode ser comprovado pelo conteúdo dos termos em si. Por exemplo, no termo do fôlio 2r, linhas 37-39, tem-se: “do que para constar fis este termo eu o Padre Antonio Soares Freyre Scretario da vezita o esCrevy”. O mesmo padre assina 54 outros termos.

Quanto ao NSM, no início do documento, afirma-se que “Este livro contem o Compremisso da Irmandáde de Nossa Senhora das Mercês dos homens Crioulos deste Arraiál do Tejuco” (fólio 2v, linhas 1-3). Em 4v, linha 298, afirma-se que a irmandade pertence aos “homens Crioulos naturaes do Brazil”. No fôlio 10v, linhas 329-331, tem-se que devem ser eleitos, todos os anos, “hum Juiz, e hum Escrivão, ambos Crioulos, e o Tezoureiro homem branco, abonado”. Já no fôlio 12r, linhas 375-383, afirma-se que “Todos os devotos de qualquer estado, ou condição, que sejam, ou de outra Irmandade, ou ordem terceira, que quiser ser irmão desta irmandade de Nossa Senhora das Mercês poderão entrar dando de entrada oitava, e meya de ouro, [...] não obstante que sejam brancos, pardos ou pretos de Guiné”. Apesar disso, “Nunca já mais se elegerão por Juiz, e mais officios, senão homens Crioulos, e não se votarão para semelhantes cargos em outras pessoas que não forem as mencionadas, e terão sempre preferencia os crioulos naturaes desta Comarca” (fólio 20r, linhas 567-570).

No NSA afirma-se que o interessado, homem ou mulher, em fazer parte da irmandade deve ter “bonz Costumes”, “idade até quarenta anos” e ser “de maior” (4v, linhas 169-170).

Já o SSA não especifica com detalhamento os critérios para a associação à irmandade: apenas indica que podem ser seculares ou eclesiásticos e

que sejam pessoas honradas e de “aprovados costumes” (pág. 10, linha 272).

O pretendente a integrar a Ordem Terceira de São Francisco deve ter as seguintes características: 1º: ter procedimento honesto; 2º: não ter “algum vício que lhe sirva de discredito”, tais como “bebado, ladram, malfeitor, emredador e conhecido perturbador da sociedade” (SFR, fôlio 5r). Além do mais, três irmãos da ordem devem “afirmar das qualidades do pertendente” (fôlio 5r, linha 38).

4. O USO DAS ABREVIATURAS NA ESCRITA SETECENTISTA DE DIAMANTINA

A análise dos dados revelou que há grande variedade e quantidade de abreviaturas nos textos. O principal sinal empregado por todos os copistas, em todos os documentos, para indicar a abreviatura da palavra é um ponto logo em seguida à palavra abreviada, em uso corrente até hoje. Com bem menos frequência, foi encontrado um traço horizontal, reto ou não⁴. A desvantagem do ponto é que se trata de um sinal de valor universal, não indicando ao consulente as letras faltantes e nem o número de letras eliminadas. Capelli (1949) e outros o intitulam, por isso, de *signo de truncamento*. Barroca (2000) ressalta que esse ponto não deve ser confundido com o ponto final, sinal de pontuação, embora seja graficamente semelhante a ele.

Quanto ao tipo, as abreviaturas coletadas no *corpus* podem ser categorizadas conforme ilustra a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Tipos de abreviaturas

Documento / Abreviatura	DEV	NSM	NSA	SSA	SFR	REF	Total	%
Letra sobrescrita	49 (140)	92 (203)	108 (231)	2 (3)	131 (452)	6 (6)	388 (1035)	73,6 (60,2)
Sigla simples	1 (1)	19 (68)	7 (99)	2 (2)	19 (202)	8 (10)	56 (382)	10,6 (22,2)
Suspensão	2 (2)	13 (45)	8 (14)	-	5 (89)	2 (2)	30 (152)	5,8 (8,8)
Contração	6 (12)	10 (14)	5 (5)	-	-	3 (6)	24 (37)	4,6 (2,2)
Mista	1 (75)	7 (11)	3 (4)	-	2 (2)	2 (2)	15 (94)	2,9 (5,5)
Sinal especial	1 (1)	4 (7)	-	1 (2)	1 (1)	-	7 (11)	1,3 (0,6)

4 Houve uma única ocorrência em que o sinal abreviativo foi um til, sobreposto à letra *q* maiúscula, no NSA. Para Núñez (1994), o til sobreposto a uma letra é um sinal geral de abreviação e pode, também, indicar a nasalidade, substituindo, muitas vezes, a letra *m* ou a *n*.

Numérica	-	3 (3)	1 (1)	-	1 (1)	-	5 (5)	0,9 (0,3)
Letra reduplicada	-	-	-	-	2 (4)	-	2 (4)	0,3 (0,2)
Total	60 (231)	148 (351)	132 (354)	5 (7)	161 (751)	21 (26)	527 (1720)	100 (100)
%	11,4 (13,4)	28,1 (20,4)	25,0 (20,6)	0,9 (0,4)	30,6 (43,7)	4,0 (1,5)	100 (100)	

Na primeira coluna, tem-se a nomenclatura de Costa (2006). Em seguida, entre parênteses, o número total de ocorrências das abreviaturas. Fora deles, as várias formas das abreviaturas. Por exemplo, em DEV, há um total de 140 abreviaturas por letra sobrescrita ao longo de todo o documento. Essas 140 ocorrências aparecem sob a forma de 49 tipos, ou maneiras, já que uma mesma palavra/abreviatura pode se repetir dezenas de vezes. Assim, o número de ocorrências é sempre maior ou igual ao das formas das abreviaturas porque uma abreviatura pode se repetir. Elas podem ser descritas da seguinte forma:

(1) Abreviatura por letra sobrescrita. A maioria (60,2%) das abreviaturas do *corpus* são por letra sobrescrita (número próximo ao de Costa (2006), que encontrou quase 70% delas no seu *corpus*); muitas vezes, ocupa o mesmo espaço da mesma palavra não abreviada, o que poderia indicar, como já dito na introdução, que não eram empregadas com o objetivo único/principal de economia de espaço e de tempo. Frente a tal fato, pode-se cogitar a hipótese de o escrevente recorrer às abreviaturas para impingir ao texto um estilo mais rebuscado, já que, conforme Higounet (2003), o emprego das abreviaturas foi transposto das línguas clássicas para as vulgares. Essa hipótese poderá ser mais bem explorada quando da comparação do percentual de emprego das abreviaturas por documento, já que é possível caracterizá-los quanto à classe social e cultural do escrevente.

As abreviaturas apresentam ainda várias combinações; em um mesmo texto, uma única palavra pode ter mais de uma abreviatura e uma única abreviatura pode representar mais de uma palavra. Apenas um exemplo de cada documento: *Chan^{ca}* (*Chancelaria*, NSA); *Fr^a* (*Ferreira*, DEV); *Prov^{or}* (*Provedor*, NSM); *Rev^{mo}* (*Reverendíssimo*, REF); *Vigr^o* (*Vigário*, SFR).

A sua maior frequência não apenas neste *corpus*, mas também nos utilizados por outros pesquisadores, poderia ser explicada por ser o tipo de abreviatura que mais fornece informações ao leitor, isto é, apresenta um grande número de letras que compõem a palavra, incluindo até vogais. Além disso, há de se considerar que esse é um tipo de abreviatura que não requer, por parte do escrevivo, nenhum tipo de conhecimento especializado, quer de natureza gramatical, quer de emprego da norma. Desse modo, ela

se torna um recurso bem simplificado de manutenção do padrão de escrita dos documentos da época sem carecer de domínio da norma.

(2) Abreviatura por sigla simples: no *corpus*, as seguintes palavras foram abreviadas de forma simples, compondo 22,2% do total, a segunda de maior ocorrência, depois da abreviatura por letra sobrescrita:

DEV: apenas uma ocorrência: *M. (Martins)*

NSM: *D. (De)*; *F. (Folha)*; *J. (Jesus)*; *M. (Majestade, Mercê)*; *N. (Nossa, Nosso)*; *P. (Para, Pessoas, Por)*; *Q. (Que)*; *S. (Santa, Santo, Senhor, Senhora)*; *V. (Volume)*; *VM. (Vossa Majestade, Vossa Mercê)*; *V. (Vosso)*

NSA: *F. (folha)*; *J. (Jesus)*; *N. (Nossa, Nosso)*; *P. (Por)*; *Q. (Que)*; *S. (Senhor)*

SFR: *F. (Folha, Fulano)*; *M. (Menor, Mor)*; *N. (Nossa, Nosso, Nossos, Número)*; *P. (Padre, Patriarca)*; *Q. (Que)*; *R. (Reverendo)*; *S. (Santa, Santo, São, Senhor, Sua)*; *V. (Venerável)*

REF: *B. (Bispo)*; *D. (Dom, Dona)*; *N. (Nossa)*

Como se pode perceber, algumas abreviaturas foram transcritas de duas ou mais formas diferentes, levando-se em conta, principalmente, o contexto no qual estavam inseridas. Entretanto, não se pode ter certeza absoluta de que, efetivamente, estas seriam suas representações. Diante disso, questiona-se sobre o que poderia justificar o emprego frequente desse tipo de abreviatura. Afinal, ela é muito pouco transparente e o leitor precisa dar conta de entender a palavra inteira tendo como pista apenas a sua letra inicial. Pode-se supor que o escritor imagina que a palavra seria usual o suficiente para que o leitor tivesse pouca dificuldade para inferir o termo na sua totalidade? Observe-se que, em geral, a abreviatura simples não é empregada para nomes próprios, difíceis de serem inferidos. A única ocorrência de *Martins* abreviada é parte integrante de uma assinatura, sendo *Martins* o sobrenome medial do que assina, já citado de forma completa previamente.

(3) Abreviatura por suspensão. As encontradas no *corpus* foram estas:

DEV: *An. (Antonio)*; *Ma. (Manoel)*

NSM: *Arcebispo. (Arcebispo)*; *Bah. (Bahia)*; *Cap. (Capítulo)*; *Cess. (Cessão)*; *Inte. (Intendente)*; *Liv. (Livro)*; *Mage. (Magestade)*; *Of. (Oficial)*; *Pag. (Página)*; *Portug. (Portugal)*; *Reg. (Regimento)*; *Tom. (Tomo)*

NSA: *Ag. (Agosto)*; *Ann. (Anos)*; *Batti. (Battista)*; *Irm. (Irmão)*; *Irm. (Irmãos)*; *Pag. (Pagou)*; *Porq. (Porque)*

SFR: *Cap. (Capítulo)*; *Ex. (Excelentíssimo)*; *Fr. (Frei)*; *Ir. (Irmão)*; *Ord. (Ordem)*

REF: *Cap. (Capítulo)*; *Decr. (Decreto)*

Apesar de Núñez (1994) afirmar que é o mecanismo de abreviação “mais espontâneo, de mais fácil execução, o mais rápido” (p. 110), é menos recorrente, no *corpus* em questão, do que as abreviaturas simples e as de letras sobrescritas, com 8,8% do total. A razão da relativa baixa frequência pode estar no fato de que é um mecanismo pouco preciso e com forte tendência à ambiguidade: enquanto que, nas abreviaturas simples, as palavras abreviadas costumam ser muito conhecidas, permitindo a sua inferência apenas com a primeira letra e com a ajuda do contexto, nas de letras sobrescritas requerem-se mais elementos para a identificação da palavra.

(4) Abreviatura por contração: costuma gerar menos ambiguidade do que os mecanismos de abreviatura por sigla simples e por suspensão, por apresentar mais elementos que funcionam como pistas para o reconhecimento da palavra. Os tipos encontrados foram os seguintes:

DEV: *Alz. (Alvez); Mel. (Manoel); Miz. (Martinz); Miz. (Martinz); Roiz. (Rodriguez); Rois. (Rodrigues)*

NSM: *Diames. (Diamantes); Ds. (Ditas); Justifas. (Justificadas); Mcê. (Mercê); Pl. (Provincial); Roiz (Rodriguez); Roz (Rodriguez); Silvra (Silveira); Sr (Senhor); Txa. (Teixeira); Vto (Visto)*

NSA: *Alz. (Alvarez); Etc. (et coetera); Ofpez. (Officiaez); Seisctos. (Seiscentos); Snr. (Senhor)*

REF: *Etc. (et coetera); Fls. (Folhas); Senr. (Senhor)*

Entretanto, seu uso no *corpus* é muito restrito, tendo ocorrido em apenas 2,2% dos casos. Isso poderia indicar que os autores dos textos não se pautavam pelo critério da legibilidade, o que entraria em conflito com o fato de as abreviaturas por contração serem menos frequentes do que as já citadas.

(5) Abreviatura mista. Foram encontradas 94 ocorrências, que podem ser subdivididas da forma abaixo:

- Contração/suspensão: *Pg. (Pago, DEV); Pg. (Página (2) e Pago (3), NSM); Snr. (Senhor, NSM); Stat. (Estatuto, NSM)*: este foi o único caso de aférese encontrado em todo o *corpus* e, mesmo assim, situado em um texto na margem do fôlio; *Pg. (Pago, NSA); Lb. (Libra, SFR); Snr. (Senhor, SFR)*
- Simples/letra sobrescrita: *S. Mag^e. (Sua Majestade, NSM); Vm^e (7) e VM^{CE} (8) (Vossa Mercê, NSM); V. Ex^{ca}. (Vossa Excelência, NSA); V. Ex^a. (Vossa Excelência, REF)*
- Contração/sinal especial: *Sñr (Senhor, REF)*

(6) Abreviatura numérica. Foram encontrados apenas os casos abaixo:

Quanto mais próxima a abreviatura estiver do lado esquerdo e do sinal positivo, menos esforço o leitor faria para compreendê-la, havendo informações nela própria que fazem mais independente do contexto na qual se situa. Haveria, inclusive, menor necessidade de conhecimentos específicos do copista para empregá-la. Assim, há menos subjetividade e a necessidade de inferências por parte do usuário é menor. Em contrapartida, as abreviaturas mais próximas do sinal negativo, à direita, demandam um maior conhecimento de regras específicas sobre as abreviaturas e/ou maior grau de letramento, de um modo geral, tanto do leitor quanto do copista, como ilustram os exemplos a seguir (*Setembro*, *provedor*, *provincial*, *ordem*, *nossa(s)/nosso(s)/número*, *Vossas Senhorias*, *Cristo*, respectivamente):

7bro → *Prov^{or}* → *Pl.* → *Ord.* → *N.* → *VV. CC.* → *Xp^o*

Em *Setembro*, tem-se o próprio numeral sete, faltando apenas a letra *m* para tornar a palavra completa. Em *Provedor*, tem-se o início e o final da palavra, obrigando o leitor a inferir apenas duas letras que se encontram no meio (*-e-* e *-d-*). Em *Provincial*, observa-se o mesmo caso das letras sobrescritas, com exclusão de letras do meio da palavra (a sequência *-rovincia-*), mas menor número de letras mantidas na abreviatura. No caso de *Ordem*, havendo apenas as letras da primeira sílaba e a consoante da segunda, demanda-se do leitor que ele complete todo o resto da palavra (*-em*), tendo em vista seus conhecimentos e o contexto. No caso de *N.*, o grau de dificuldade de inferência da abreviatura aumenta ainda mais, pois apenas a primeira letra da palavra é oferecida. Não se pode deixar de alertar para o fato de ter havido cinco possibilidades de transcrição dessa única abreviatura (*Nossa*, *Nossas*, *Nosso*, *Nossos*, e *Número*). Só foi possível para os pesquisadores chegar a *Vossas senhorias* depois da consulta a Flexor (1990), pois apenas a duplicação das letras iniciais das palavras abreviadas (especialmente no caso da segunda palavra, a letra inicial da abreviatura (*C*) não era a da palavra abreviada (*S*)) não fornece dados suficientes para a sua compreensão. Finalmente, a abreviatura mais arbitrária seria a do uso de um sinal especial para sua indicação. Seguindo como pista o próprio nome da abreviatura, sua leitura requer um conhecimento especializado: é preciso ter aprendido o que ela representa.

Se o contínuo acima reflete a realidade, há dificuldade em identificar com clareza, a partir dos dados obtidos até então, se havia um critério qualquer por parte dos escritores no momento de uso/escolha de um tipo de abreviatura. Se o critério fosse o grau de legibilidade para o leitor, a sigla simples não seria a segunda abreviatura mais usual, vindo logo depois da letra sobrescrita, conforme a Tabela 1. Sem dúvida, a questão merece

maior atenção de especialistas, podendo ser interessante, inclusive, o uso de experimentos com técnicas como o *eye tracking*, apesar de se ter ciência da distância de dois séculos entre o leitor hodierno e o do século XVIII⁵. É preciso desenvolver estudos específicos sobre o tema, que não se encaixam nos objetivos deste estudo, merecendo análise mais aprofundada.

Para identificar qual documento apresenta a maior e a menor quantidade de abreviaturas proporcionalmente ao número total de palavras, confira a Tabela 2.

Tabela 2 - Total de palavras abreviadas e não abreviadas

Documento	Total de palavras	Total de abreviaturas	% de palavras abreviadas
NSA	5.311	132 (361)	6,80
NSM	5.681	150 (351)	6,18
SFR	20.092	160 (750)	3,73
DEV	18.957	60 (231)	1,22
REF	3.128	21 (26)	0,83
SSA	5.850	5 (7)	0,12
Total	59.019	528 (1726)	-

O uso de abreviaturas do NSM e do NSA é bastante próximo, além de apresentar os maiores valores percentuais (6,18 e 6,80%, respectivamente), o que endossa a hipótese de que o emprego das abreviaturas poderia ser uma forma de rebuscar o texto. Considerando-se que esses documentos são escritos por pardos e negros, muitos deles alfabetizados pelas próprias irmandades e que viam nelas uma forma de inserção social, não se pode desconsiderar o fato de que o emprego das abreviaturas, para além de economia de tempo e de espaço, visava a embelezar o texto, dando mostras de que seu escrevente conhecia o estilo da época. SFR aparece em um ponto intermediário (3,73%) e REF e SSA no extremo, com o uso mais limitado de abreviaturas (0,83 e 1,22%, respectivamente). Em outras palavras, NSM e NSA apresentam quase seis vezes mais abreviaturas do que REF e SSA. A quantidade de abreviaturas de DEV, por sua vez, encontra-se mais próxima do extremo de REF e SSA.

O SSA apresentou apenas seis abreviaturas, ao longo das 21 páginas do documento: duas por letras sobrescritas – *Carv^o*. (*Carvalho*, 2 ocorrências) e *Ferr^a*. (*Ferreira*, 1 ocorrência); duas simples – *N*. (*Nossa*, 1 ocorrência) e *S*. (*Santíssimo*, 1 ocorrência); e duas por sinal especial – *&* (*e*, 2 ocorrências). Ele se encontra, então, bastante distante do padrão geral no

5 Agradecemos as sugestões de um dos pareceristas.

qual os demais se encaixam. O fato de ser o único documento impresso do conjunto analisado pelos autores pode ter interferido no emprego das abreviaturas. Afinal, o documento foi “confirmado” pela Rainha de Portugal Dona Maria e impresso em Lisboa em 1785. Deve ter havido, então, uma maior preocupação com a elaboração do texto e sua revisão. Ademais, o emprego de abreviaturas era um padrão de manuscritos e não de textos impressos.

Pergunta-se se haveria um tipo de vocabulário preferencialmente abreviado. Como tentativa de resposta, correlacionam-se as classes morfológicas das palavras e o uso ou não de abreviaturas. Para tal, organizou-se a tabela a seguir.

Tabela 3 - Classificação morfológica das palavras abreviadas

	L. sobr. ⁶	S. simp.	Susp.	Contr.	Mista	S. esp.	Num.	S. red.	Total (%)
Subs. c. ⁷	163	13	17	7	3	1	1		205 (38,9)
Sub. pr.	98	5	5	10		5	3		126 (23,9)
Adj.	41	13	2						56 (10,6)
Pr. tr.	14	12		3	9			2	40 (7,6)
Adv.	34								34 (6,6)
Partic. ⁸	13			3	3				19 (3,6)
Pron.	6	10	2						18 (3,4)
Prep.	7	3	1						11 (2,1)
Num.	7			1			1		9 (1,7)
Vb.	4		1						5 (0,9)
Conj.	1		2			1			4 (0,7)
Total	388	56	30	24	15	7	5	2	527 (100)

As palavras mais abreviadas são os substantivos comuns (38,9%); em geral, foram abreviados utilizando-se a abreviatura por letra sobrescrita. A maior frequência de substantivos comuns pode ser decorrente do fato de serem, em geral, palavras usuais, conhecidas, provavelmente, tanto pelo copista quanto pelo leitor potencial do documento, e, de certo modo, previsíveis, considerando o léxico dos documentos. Além do mais, a maioria dos substantivos é abreviada por letras sobrescritas, as quais geralmente

6 Abreviaturas para, respectivamente, Letra sobrescrita, Sigla simples, Suspensão, Contração, Mista, Sinal especial, Numérica, Sigla reduplicada.

7 Abreviaturas para, respectivamente, Substantivo comum, Substantivo próprio, Adjetivo, Pronome de tratamento, Advérbio, Particípios, Pronomes, Preposições, Numeral, Verbo, Conjunção.

8 Os particípios passados não foram tratados como verbos devido à dificuldade de diferenciá-los dos adjetivos nos contextos em que foram encontrados.

informam as três primeiras letras da palavra, mais uma ou duas consoantes, finalizando com a(s) última(s) letra(s) sobrescritas. Há, assim, muitas pistas para o leitor recompor a palavra original. Além dos substantivos comuns, os próprios (23,9%) são palavras muito abreviadas, especialmente no caso de assinaturas. Nesse caso específico, não há uma preocupação em facilitar o entendimento por parte do leitor, já que a assinatura não interfere na legibilidade do documento, servindo apenas para atestá-lo. Assim, 62,8% das palavras abreviadas no *corpus* são substantivos. As palavras menos abreviadas são as conjunções – *porque* (*p^rque* (SFR), *porq.* (NSA)) e *que* (*q.* (NSA; SFR; NSM), *q~* (NSA)) – e os verbos – *mandar* (*m^{dar}* (SFR)), *garde* (*g^{de}*, *g^e* (ambos em NSM, na expressão “Que Deus o guarde”)), *requeiro* (*req^o* (NSM)) e *pagou* (*pag.* (NSA)).

Não seria possível, por exemplo, valer-se de Rosa (2003) para encontrar uma causa para o padrão encontrado na Tabela 3, pois substantivos e verbos ficam em posições opostas quanto à quantidade de abreviaturas. Para a autora, substantivos, adjetivos, verbos, advérbios e numerais são palavras de conteúdo, ou de classe aberta, e têm função fundamental para a transmissão da informação semântica. Já os artigos, as preposições, as conjunções, os pronomes e as interjeições são palavras funcionais, de classe fechada, e exercem funções sintáticas, servindo como elemento de ligação e apresentando baixo conteúdo semântico. Fica aqui, então, mais uma lacuna a ser preenchida em estudos posteriores, já que o tema vai além do objetivo proposto.

5. CONCLUSÃO

Nos documentos adamantinos setecentistas analisados, as abreviaturas mais comuns são as por letras sobrescritas, tanto em relação ao número total de ocorrências (60,8%) quanto em relação aos tipos (74,8%), dados semelhantes aos encontrados por Costa (2006) em um documento setecentista paulista (70%). Em seguida, por ordem decrescente de frequência, encontramos as abreviaturas simples (10,6% - tipos; 17,04% - número total de ocorrências) e as por suspensão (5,8% - tipos; 8,8% - número total de ocorrências).

Mesmo tendo cumprido o objetivo principal do estudo - identificação, classificação e caracterização das abreviaturas do século XVIII de documentos adamantinos - com a montagem de um panorama do sistema de abreviaturas dos estatutos de irmandades e termos de devassa em questão, não há dúvida de que são necessários mais estudos sobre as abreviaturas luso-brasileiras, especialmente à luz de informações histórico-sociais dos escritores e leitores da época.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, M. *Das artes da pena e do pincel*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- DUCHOWNY, A. T.; COELHO, S. M. Documentos mineiros setecentistas: termos de devassa e de admoestação. In: SILVA, J. P. da (Org.) *Crítica textual e edição de textos: interagindo com outras ciências*. Curitiba: Appris, 2012, p. 163-179.
- DUCHOWNY, A. T.; COELHO, S. M. *Edição semidiplomática e fac-similar de documentos adamantinos setecentistas*. Belo Horizonte: Laboratório de edição da Fale/UFMG, 2013.
- BARROCA, M. *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. v. 1.
- BERWANGER, A.; LEAL, J. *Noções de paleografia e de diplomática*. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.
- COELHO, S. M.; COELHO, S. F. *Consolidação da gramática nacional: uma análise do quadro pronominal no contexto setecentista*. 22 p. 2014. Inédito.
- CHAVES, E. *Implementação do pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. 273 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- CAPELLI, A. *Dizionario di abbreviature latine ed italiane*. Milano: Ulrico Hoepli, 1949.
- COHEN, M. Reexame de um caso clássico à luz de novos dados: a gramaticalização e reanálise de *mente*. In: VITRAL, Lorenzo; COELHO, Sueli Maria. *Estudos de processos de gramaticalização em português*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 57-74.
- COSTA, R. Abreviaturas: simplificação ou complexidade da escrita? *Histórica*. São Paulo, n.15, 15 out. 2006. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao15/materia01/>>. Acesso em: 24 out. 2014.
- FERREIRA, A. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.
- FIGUEIREDO, L. *Peccata mundi: a “pequena inquisição” mineira e as devassas episcopais*. In: RESENDE, M. E.; VILLALTA, L. C. (Orgs.) *História de Minas Gerais: as minas setecentistas*, 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007, p. 109-128.
- FLEXOR, M. *Abreviaturas*; manuscritos dos séculos XVI ao XIX. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- GARCIA, R. *Estudo paleográfico e codicológico dos documentos de Capivari do século XIX*. 19 p. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp23/06.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2014.
- HIGOUNET, C. *História concisa da escrita*. São Paulo: Parábola, 2003.
- MACHADO FILHO, A. da M. *Arraial do Tijuco Cidade Diamantina*. Belo Horizonte; São Paulo; Itatiaia; Editora da USP, 1980.
- MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. (Orgs.). *Por minha letra e sinal*. Cotia, SP: Ateliê, 2005.
- MORAIS, C. *Posse e usos da cultura escrita e difusão da escola*. 376 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- NUNES, E. *Abreviaturas paleográficas portuguesas*. Lisboa: Faculdade de Letras, 1981.
- NÚÑEZ CONTRERA, L. *Manual de paleografía*. Madrid: Cátedra, 1994.
- ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SAMPSON, G. *Sistemas de escrita*. São Paulo: Ática 1996.

SANTOS, M. *Da Visigótica à Carolina* - a escrita em Portugal de 882 a 1172. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

SCOTT, M. *WordSmith Tools version 5*. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008. Disponível em: <<http://lexically.net/wordsmith/index.html>>. Acesso em: 12 abril 2014.

SPINA, S. *Introdução à ecdótica. Crítica textual*. São Paulo: Ars Poética; Edusp, 1994.

STIENNON, J. *Paléographie du Moyen Âge*. Paris: Armand Colin, 1973.

Submetido em: 07/05/2014

Aceito em: 22/07/2014